

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

ALFRED AGACHE E A NASCENTE CIÊNCIA DO URBANISMO

SESSÃO TEMÁTICA: PIONEIROS DO URBANISMO NO BRASIL (1890-1930) E
SUAS REFERÊNCIAS AO IDEÁRIO INTERNACIONAL

Fernando Diniz Moreira

PPG em Desenvolvimento Urbano (MDU/UFPE)

fernando.diniz.moreira@gmail.com

ALFRED AGACHE E A NASCENTE CIÊNCIA DO URBANISMO

RESUMO

Alfred Agache desempenhou um papel essencial na institucionalização do urbanismo na França e teve uma considerável influência no debate urbanístico brasileiro entre as décadas de 1930 e 1950. Seu plano para o Rio de Janeiro foi um marco no nosso urbanismo com repercussões em diversas cidades brasileiras, mas sua figura permanece pouco estudada no Brasil e no exterior. Seu pensamento urbanístico apoiava-se em um tripé que unia diferentes disciplinas: a tradição *Beaux-Arts*, elementos da sociologia e filiações ligadas a outros autores fundadores da disciplina urbanística. Sem rejeitar a importância dessas duas primeiras tradições na formação de Agache, este texto procura analisar seus escritos e planos, procurando identificar traços e ideários de urbanistas de uma geração imediatamente anterior. A primeira parte do texto oferece uma breve apresentação da trajetória de Agache, do seu forte enraizamento na cultura *Beaux-Arts* e do seu flerte com a nascente sociologia, sintetizando igualmente os principais elementos do urbanismo francês, defendido por profissionais que orbitavam em torno da *Société Française des Urbanistes* (SFU). A segunda parte analisa as filiações das ideias de Agache de outros autores franceses, como Eugène Hénard, e Tony Garnier, que procuraram igualmente reconciliar o sistema *Beaux-Arts* com as demandas da cidade moderna da mesma forma que seu contemporâneo, Tony Garnier. Por fim, a terceira parte procura mostrar as associações com autores de realidades mais distantes, como Patrick Geddes, Camillo Sitte e Raymond Unwin.

Palavras-chave: Urbanismo moderno; pensamento urbanístico; Alfred Agache.

ALFRED AGACHE AND THE EMERGING SCIENCE OF URBANISM

ABSTRACT

Alfred Agache played a key role in the institutionalization of urbanism in France and had a considerable influence in the Brazilian urbanistic debate between the 1930s and 1950. His plan for Rio de Janeiro was a milestone in our urban planning and its echoes could be heard in several Brazilian cities, but his figure remains little studied in the country and abroad. His urbanistic thought included a tripartite support which united different disciplines: the *Beaux-Arts* tradition, sociology elements and the influence of other authors founders of the discipline of urbanism. Without rejecting the importance of these first two traditions in his education and training, this paper analyzes his writings and plans, trying to identify traits and urbanists influences of immediately preceding generation. The section of the text offers a brief presentation of Agache trajectory, its strong roots in the *Beaux-Arts* culture and its entanglement with the nascent sociology and the main elements of the French town planning, advocated by professionals who orbited around the *Société Française des Urbanistes* (SFU). The second section analyzes the affiliations of Agache ideas of other French authors such as Eugène Hénard, and Tony Garnier, which also attempted to reconcile the *Beaux-Arts* system with the demands of the modern city. Finally, the third section discusses the associations with authors from more distant realities: Patrick Geddes, Camillo Sitte and Raymond Unwin.

Keywords: Modern urbanism. Urbanistic thought Alfred Agache.

1. INTRODUÇÃO

Alfred Agache desempenhou um papel essencial na institucionalização do urbanismo na França e teve uma considerável influência no debate urbanístico brasileiro entre as décadas de 1930 e 1950. Seu plano para o Rio de Janeiro foi um marco no nosso urbanismo e repercutiu em diversas cidades brasileiras, como Porto Alegre e Recife, além do próprio Rio. Apesar de serem constantes as referências às suas ideias e planos no debate urbanístico do Brasil, onde residiu durante 20 anos, sua figura permanece muito pouco estudada.

Seu pensamento urbanístico apoiava-se em um tripé que unia diferentes disciplinas: a tradição *Beaux-Arts*, a sociologia e disciplina urbanística. Os raros estudos existentes enfatizam a influência da nascente sociologia em sua obra (Bruant, 1994a, 1994c, Underwood, 1991), particularmente de Frédéric Le Play, Gabriel Tarde e Émile Durkheim. Mais recentemente, Moreira (2004, 2008) analisou a obra de Agache como um arquiteto *Beaux-Arts*, demonstrando como sua visão de cidade dominada por eixos, perspectivas, arcadas e conjuntos harmônicos de edifícios era claramente tributária desta tradição.

Sem rejeitar a importância dessas duas tradições na formação de Agache, este texto procura identificar traços de outros urbanistas da geração imediatamente anterior em seus escritos e planos. Atenta aos novos desafios urbanos e às formulações de outros campos disciplinares, sua visão de urbanismo foi capaz de amalgamar-se com outros saberes para criar uma abordagem na qual a arquitetura deteve um papel predominante.

A primeira parte do texto oferece uma breve apresentação da trajetória de Agache, dos princípios do urbanismo francês, seu forte enraizamento na cultura *Beaux-Arts*, sua aproximação com a sociologia e os principais elementos do urbanismo francês. A segunda parte analisa as filiações das ideias de Agache a outros autores franceses, como Eugène Hénard e Tony Garnier, que procuraram igualmente reconciliar o sistema *Beaux-Arts* com as demandas da cidade moderna. Por fim, a terceira parte procura mostrar as associações com autores de realidades mais distantes, como Patrick Geddes, Camillo Sitte e Raymond Unwin. De Geddes, procura-se mostrar a influência na forma de se proceder a um levantamento da cidade e de suas relações com o ambiente natural. De Sitte, procura-se mostrar como a abordagem da cidade por meio de arranjos de volumes e efeitos arquitetônicos para se criar um ambiente urbano psicologicamente apropriado para o homem também foi marcante para Agache. De Unwin, procura-se mostrar sua influência no desenho urbano das áreas residenciais.

2. ALFRED AGACHE: um arquiteto na metrópole moderna

2.1 UMA VIDA PARA O URBANISMO

Nascido em 1875, em Tours, em uma família de industriais têxteis, Agache formou-se pela *École des Beaux-Arts* de Paris, entre 1896 e 1905.¹ No entanto, desde o início de seus estudos sentiu-se atraído pela cidade e buscou uma formação paralela na sociologia. Ele frequentou cursos no *College Libre de Sciences Sociales* (CLSS), onde posteriormente ensinaria história da arte e da arquitetura e o primeiro curso específico de urbanismo na França, em 1914.²

As viagens também foram uma importante fonte de aprendizado. Porém, ao invés das tradicionais visitas à Itália e à Grécia, preferiu, movido por seus interesses por cidades e questões sociais, ele visitou Inglaterra e a Escócia entre 1901 e 1903, onde estudou habitações de baixo-custo e travou contato com Patrick Geddes, e a Europa Oriental e Oriente Médio, para entender a relação entre território e grupos sociais em ambientes ainda não industrializados (Agache, 1902, 1903, Langlade, 1935, p.6, Bruant, 1994b, p.101-1).

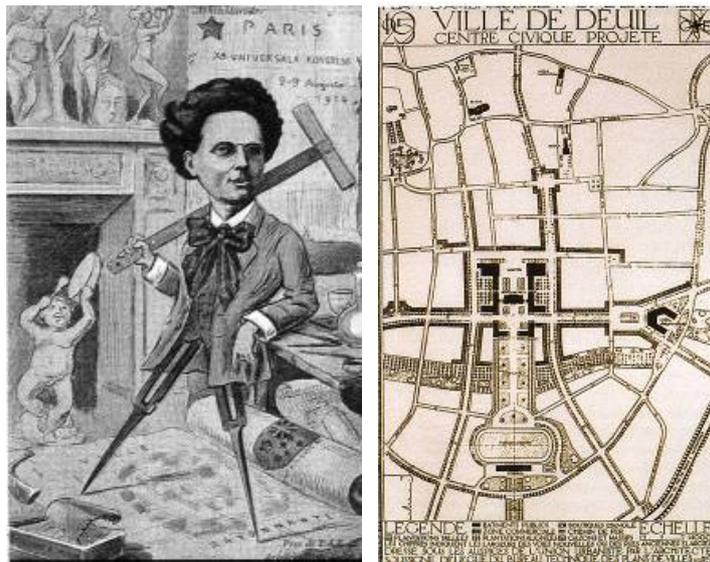


Figura 1 – Alfred Agache, caricatura. Fonte: Bruant, 2001, p. 77.

Figura 2 – Alfred Agache, Plano de Deuil la Barre (1926). Fonte: Bruant, 2001, p.80

Como assistente de Eugène Hénard, Agache participou de um plano de um sistema de parques e áreas verdes nos espaços ocupados pelas fortificações de Paris (1909) e do primeiro

¹ Infelizmente, os arquivos de Agache foram perdidos, mas informações esparsas sobre sua trajetória podem ser encontradas em Langlade (1935), Moreira (2004, p.83-88, 116-134); Bruant (1994a, p.175-194; 1994b, p.102-112; 1994c, p.36-45); Underwood (1991, p.133-140).

² A documentação sobre Agache na École encontra-se nos Arquivos Nacionais da França: Document AJ 52 400, *École des Beaux-Arts- Dossier individuels des élèves, Architecture, XLVIII-XLIX, Presences du Janvier 1901 au 31 decembre 1910* (Abella-Berrier), Archives Nationales de France. Agache frequentou o Atelier de Victor Laloux.

plano geral de cidade (1911) (Wolf, 1968, p.62-67, 80-81). Sua carreira deslançou a partir de 1912, após vencer o concurso para o plano de Dunquerque e obter o terceiro prêmio no concurso de Camberra.

Agache publicou profusamente. Seus primeiros trabalhos, *La Cité Jardin* (1911) e *La Cité Jardin et villes futures* (1914) advogavam o uso de elementos das Cidades-Jardins inglesas para os subúrbios parisienses. Em *La grande ville* (1914), ele assinalou os principais pontos de sua teoria do urbanismo. Esses estudos foram sistematizados em seu principal trabalho, *Comment reconstruire nos cités détruites* (1916), escrito em parceria com Jacques-Marcel Auburtin e Edouard Redont, que constitui a mais completa explanação do programa da SFU, antecipando um programa inteiro de reconstrução das cidades francesas no pós-guerra.

A década de 1920 assistiu à sua consolidação na França, com a planos para Creil, Deuil-la-Barre e Poitiers, continuando na década seguinte com Dieppe, St Cyr, Orleans e Tours. No entanto, em 1935, ele mostrava-se decepcionado com a incapacidade das autoridades francesas de implementarem planos urbanísticos, o que o levou a procurar trabalhos em outros países, como Brasil, Turquia e Portugal (Lobo, 1998, p.42,56-57).

Em 1939, Agache exilou-se no Brasil, onde mantinha contatos desde sua estada aqui para desenvolver o plano para o Rio de Janeiro (1928-1930). Aqui, ele atuou como consultor do Escritório Coimbra Bueno, entre 1939 e 1945, fazendo planos para cidades como Petrópolis (1940), Curitiba (1940-43) e Vitória (1944), e também para bairros como Interlagos em São Paulo e uma série de pequenas cidades no litoral fluminense. Ele voltou para França apenas em 1959, ano em que veio falecer (Albuquerque Filho, 1959, p. 38-39).

2.2 O URBANISMO FRANCÊS E A SOCIÉTÉ FRANÇAISE DES URBANISTES

Agache foi ativamente envolvido no processo de consolidação do urbanismo na França, trabalhando com afinco para a criação de leis que implementassem planos urbanísticos. Um dos fundadores da *Société Française des Urbanistes* (SFU), em 1911, foi seu secretário permanente, desde a fundação até 1939, quando emigrou para o Brasil. Foi editor do seu jornal, *l'Urbanisme*, nas décadas de 1920 e 1930.

Ele engajou-se em uma discussão levada a efeito por um amplo espectro de reformistas, que continha industrialistas, intelectuais, cientistas sociais, servidores públicos, líderes trabalhistas e reformadores católicos que gravitavam em torno do *Musée Social*, uma

instituição que acreditava que o acúmulo de conhecimentos sobre a questão social poderia ajudar na formulação de políticas sociais.³

Da Secção de Higiene Urbana e Rural do *Musée Social*, um grupo de arquitetos, engenheiros e outros profissionais criou a *Société Française des Urbanistes* (SFU), em 1911. O objetivo da SFU era agregar as iniciativas e competências para o estudo do urbanismo, estudar soluções urbanísticas, trocar experiências e legitimar a nova disciplina nos círculos políticos. Entre os membros fundadores da SFU, estavam Eugène Hénard (presidente), Alfred Agache, Marcel Auburtin, Léon Jaussely, André Bérard, Ernest Hébrard, Albert Parenty, Henri Prost e Tony Garnier, todos arquitetos oriundos da *Beaux-Arts*, e que se formaram a mais conhecida geração de urbanistas franceses.

A disciplina do urbanismo, como foi concebida pelos franceses, procurou formular uma nova forma de pensar as cidades, estabelecendo um novo conhecimento, vocabulário e métodos de observação e análise. A SFU considerava o urbanismo como uma nova ciência, respondendo às demandas da reforma social, como o próprio Agache definiu em 1913:

“... a nova ciência da cidade de construir e planejar a cidade. É uma ciência aplicada, pois tem um objetivo prático: controlar o desenvolvimento e o crescimento da cidade...Esta nova ciência agrega conhecimentos de diferentes disciplinas. O urbanismo integra o conhecimento do técnico, do sociólogo, do engenheiro, do higienista em uma nova unidade.” (Agache, 1914, Apud Bruant, 1994a, p.170)

Esse novo profissional deveria ter uma formação multidisciplinar. Como o regente de uma orquestra, esse quase cientista deveria coordenar muitas disciplinas em nome do bem comum. Apesar da formação da grande maioria desses profissionais, tal urbanismo não pode ser simplesmente rotulado de *Beaux-Arts*, ou neo-haussmaniano, já que integrava essa tradição com outras disciplinas, como a sociologia (Claude, 1989).

Se considerarmos o urbanismo como uma nova forma de pensar as cidades, originada de diferentes disciplinas no final do século XIX, podemos afirmar que a SFU representaria a incorporação da tradição arquitetônica a essa nova disciplina. O talento do arquiteto deveria ser usado para criar uma cidade esteticamente harmônica. A arquitetura teve um papel preponderante na formação do urbanismo moderno francês.

³ Fundada em 1894, essa “maquinaria para a paz social” realizava discussões em torno de grupos de trabalho ou secções (Rabinow, 1989, p.182-184; Sutcliffe, 1981, p.149, Elwitt, 1980, p.447-451, Home, 2002). A Secção de Higiene Urbana e Rural encorajou uma discussão mais especializada sobre a questão urbana. Jules Siegfried e Georges Risler eram os líderes do *Musée* em uma campanha para estabelecer planos compulsórios para cidades com mais de 10.000 habitantes, o que terminou se concretizando, muitos anos depois, na Lei Cornudet (1919), que decretava que cidades com mais de 10.000 habitantes deveriam apresentar um plano. Para uma história da SFU: WOLF, 1968, p.77-90; BEAUDOIN, 1962, p.19-20; WRIGHT, 1993, p.25-28; GAUDIN, 1985, p.31-57.

Devido à sua formação, os urbanistas franceses usaram nos seus planos elementos urbanos do passado, como arcadas, blocos maciços de edifícios, composições unificadas, enquadramento de monumentos e vistas por meio perspectivas. Preocupados com a perda de uma dimensão familiar e histórica da cidade, eles procuraram reconciliar morfologias tradicionais com as inovadoras redes de infraestrutura e de tráfego. Além de se preocuparem com o provimento de habitação e de áreas verdes, eles lançaram mão de novos instrumentos, como unidade de vizinhança, *zoning* e *greenbelts*.⁴

Apesar das oportunidades de trabalho na França, a maioria desses planos nunca foi concretizada, forçando muitos desses urbanistas a procurar trabalho fora da França, como Leon Jaussely em Barcelona, Jacques Gréber na Filadélfia, J.C.N Forestier em Buenos Aires e Havana, e Maurice Rotival em Caracas.

2.3 O ARQUITETO BEAUX-ARTS E A METRÓPOLE

O retrato da *École des Beaux-Arts* como estéril, repetitiva e alienada das situações contemporâneas, criado pela historiografia do movimento moderno, ainda persiste, apesar dos esforços de autores que publicaram nos anos 1970 e 1980 (Egbert, 1980, Middleton, 1982, Drexler, 1977). Mesmo os arquitetos entrincheirados nas academias foram capazes de responder a esses novos desafios urbanos e de contribuir para o processo de construção do urbanismo enquanto uma disciplina. O sistema *Beaux-Arts* não era monolítico e isolado, mas poroso e capaz de responder às mudanças. Na virada do século XIX para o XX, existia um grande interesse na *École* pela disciplina do urbanismo.

O grupo de estudantes que venceu os prestigiados *Prix de Rome* durante a primeira década do século XX ilustrou essa tendência. Essa geração, que incluiu Tony Garnier (vencedor em 1899), Henri Prost (1902), Leon Jaussely (1903) e Ernest Hebrárd (1904) (Egbert, 1980, p.190-191, Pinon & Amprimoz, 1988, p.434), iria tornar-se o mais conhecido grupo de urbanistas franceses. No final do quarto ano de suas estadas na Academia Francesa de Roma, eles deveriam apresentar uma pesquisa completa sobre um complexo monumental, mostrando seu estado e uma proposta de restauração. Um olhar mais cuidadoso revela que, mais do que uma imaginativa reconstrução de ruínas, eles já estavam enfocando o problema da cidade moderna, atentos à relação entre seus projetos e o tecido urbano, retratando paisagens urbanas não apenas como um fundo distante, mas como um contínuo e como um problema a ser analisado e resolvido. Mesmo os temas da competição do *Prix de Rome* já apresentavam intenções urbanas, como o tema da Praça Pública, vencido por

⁴ O urbanismo francês foi também chamado *Art Urbain*, *Art Civique*, *Dessein Civique*, *Art Social*, ou Urbanismo Formal (Bardet, 1948), ou *École Française d'Art Urbain* (Stübben, 1924).

Leon Jaussely (fig.3) e a reconstrução de Tusculum, enviada por Garnier de Roma, em 1903 (fig.4).



Figura 3 – Leon Jaussely, Praça para o Povo, Prix Chavanard (1900). Fonte: Pierre Pinon, “Gli ‘envois de Rome. Fonte: ‘Pinon, 1984, p.20



Figura 4 – Tony Garnier, reconstrução de Tusculum (1903) Fonte: Pinon, 1984, p.17.

Assumindo como tarefa retomar o papel da arquitetura no desenho da cidade moderna, essa geração oriunda da *Beaux-Arts* acreditava que o arquiteto, devido à natureza de seu ofício – organizar ideias, arranjar espaços e dar-lhes uma forma final – seria o profissional mais preparado para ser o urbanista. O urbanismo, portanto, detinha um intenso componente arquitetônico (Moreira, 2004, p.112-114). A visão de cidade da *Beaux-Arts* nasceu da mediação que os arquitetos procuraram fazer entre a tradição herdada da *École* e as novas demandas impostas pela metrópole.

2.4 AGACHE E A SOCIOLOGIA

Agache acreditava que a cidade era um produto social. Segundo ele, Urbanismo não era apenas uma arte e uma ciência, mas também uma "filosofia social" (AGACHE, 1935, p.6). O urbanismo catalisaria forças vivas variadas para criar um todo orgânico e harmônico e prestaria um sentido social para a cidade. Para ele, o arquiteto era o profissional mais bem

preparado para ser um urbanista, embora não o fosse automaticamente. O domínio da arte da composição não era suficiente se o urbanista não tinha um conhecimento da sociedade na qual estava operando. Era necessário que os arquitetos se equipassem com o conhecimento gerado por cientistas sociais que estavam estudando a sociedade moderna.

Seu interesse pela sociologia originou-se de sua busca de um método para equipar-se para enfrentar a metrópole e de embasar o urbanismo com métodos científicos. O pensamento de Agache foi informado pelas ideias e métodos das principais escolas da nascente de sociologia francesa por volta da virada do século. A primeira influência foi Frédéric Le Play (1806-1882) e Edmond Demolins (1852-1907), por suas pesquisas envolvendo contos monográficos e análise comparativa dos fatos sociais, pois a compreensão dos processos sociais era fundamental para o urbanista. Uma segunda influência pode ser encontrada em Gabriel Tarde (1843-1904) e seus estudos sobre difusões de inovações do centro para a periferia. Agache acreditava que o urbanismo seria mais uma dessas ideias-força nascidas em centros mais avançados que deveriam encontrar recepção em regiões periféricas, visando o desenvolvimento destas (Underwood, 1991). Por fim, a terceira influência decisiva no pensamento de Agache foi Émile Durkheim, sobretudo seu interesse pelo estudo de normas morais, valores cívicos e símbolos coletivos de identidade nacional, como importantes instrumentos para criar uma coesão social (Underwood, 1991). Segundo Agache, a cidade não é composta apenas por edifícios submetidos às regras da composição arquitetônica, mas a sua forma e a disposição de suas partes devem condensar e exprimir valores sociais.

Já que o urbanismo seria “uma filosofia social”, ele teria um papel fundamental não só na formação dos *urbs* (organização de sólidos e vazios, ruas e edifícios), mas também na formação da *civitas* (organização social da cidade):

A cidade não é composta apenas por edifícios submetidos a regras de composição arquitetônica, mas deve ter um tipo de ordem que afirma um ideal social. A forma e a disposição das partes de uma cidade também devem exprimir uma atividade social, incutindo valores sociais (Agache, 1935, p.16).

Para Agache, a cidade é uma aglomeração complexa de diferentes grupos sociais. Ela deveria ser estável e harmoniosa de modo a permitir o progresso e conforto para o indivíduo. O urbanista teria entre seus papéis aliviar tensões sociais produzidas pela modernidade. Teria um papel redentor na sociedade, expressando ideais coletivos e moldando essa mesma sociedade. Para tal, o trabalho de sociólogos e pensadores sociais seriam importantes ferramentas.

3 AGACHE E O AMBIENTE FRANCÊS

O surgimento do urbanismo na última década do século XIX foi um complexo processo de transformação e reinvenção de muitas disciplinas. Influenciado por visões utópicas, científicas, românticas, sociológicas e tecnológicas, estes escritos poderosos constituíram formulações originais para o futuro das sociedades. Camillo Sitte, Ebenezer Howard, Patrick Geddes, Ildefonso Cerdá, Joseph Stübben e outros propuseram peças fundamentais desta nova disciplina chamada urbanismo.

O sentido negativo mais tarde associado com a *Beaux-Arts* por historiadores da arquitetura moderna obscureceu a verdadeira contribuição do urbanismo francês neste debate. Ainda que enraizada na tradição *Beaux-Arts*, o pensamento urbanístico dessa geração foi capaz de agregar novos temas e, de esta forma, desafiar os cânones da *École*. Dois desses autores que tiveram um profundo impacto sobre a formulação da nova disciplina do urbanismo e contribuíram para as formulações de Agache: seu mestre Eugène Hénard e seu contemporâneo Tony Garnier.⁵

Embora formado na *École des Beaux-Arts* em 1880, **Eugène Hénard** teve contato com a construção de edifícios industriais e com novas técnicas e materiais modernos, o que o conscientizou dos seus efeitos e de suas possibilidades para a vida nas cidades, particularmente em termos de transporte de massa.⁶ Ele compreendeu que o grande desafio da cidade moderna era a introdução de vastas redes de comunicações. Envolvido nas obras públicas de Paris, ele defendeu a causa de um planejamento de longo prazo.⁷ Ele foi um eminente membro do *Musée Social* e teve um papel fundamental na fundação do SFU, sendo seu primeiro presidente. No *Musée*, conheceu o jovem Agache, que se tornou seu discípulo e assistente.⁸ Sua crença no progresso representado pela relação entre a tecnologia e a cidade foi o seu legado perene para os planejadores franceses

⁵ Além desses, outro membro fundador da SFU, Marcel Poète, influenciou Agache. Fundador do Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris em 1919, Poète desenvolveu as bases para a análise histórica das formas urbanas em uma base comparativa. Acreditando que as cidades foram formadas por camadas sucessivas em uma adaptação contínua ao sítio forçada por mudanças sociais constantes, tentou encontrar a razão de ser e a lógica que rege a sua expansão. Ele também tentou estudar os elementos de permanência e o papel de monumentos na estrutura urbana (Calabi, 1998, Marcel Poète, *Une vie de cite: Paris de sa naissance à nos jours* (Paris: Auguste Picard, 1924-1931) Em muitas passagens dos escritos de Agache encontramos estas ideias. Ele enfatizou que se deve encontrar na história da cidade, as causas de seus problemas: "a invenção do futuro é um *continuum* com o passado e o futuro da cidade deve ser baseada no presente. O passado é parte do presente". Agache, Auburtin, Redont, 1916, p.107. Estas influências merecem ser explorada em uma próxima oportunidade..

⁶ Entre fábricas, galerias e estações de trem, ele trabalhou na construção do *Palais de Machines* de Contamin and Dutert e foi o responsável pelo planejamento da Exposição Universal de 1900 (Wolf, 1968, p.21 Rotival, 1960, p.131-133, Choay,1983, p.179-180.

⁷ Após 1900, Hénard assumiu diversas posições na administração pública de Paris, inclusive ode arquitetos inspetor da cidade. Sua prolífica carreira foi interrompida por um acidente cardiovascular em 1913 (Wolf, 1968, p,22)

⁸ Assistido por ele e Auburtin, coordenou um plano promovido pelo *Musée* para a criação de áreas verdes em torno de Paris para substituir as antigas fortificações em 1909.⁸ Em 1911, novamente com a ajuda de Agache, e também de Henri Prost, Hénard preparou o primeiro plano abrangente para Paris (Wolf,1968, p.83-84)

A grande publicação de Hénard, *Études sur les transformations de Paris*, foi uma série de oito fascículos sobre suas ideias para Paris, publicados entre 1903 e 1909 (Hénard, 1903-1906 [1982]). *Études* incluí propostas de muitos aspectos de uma cidade moderna, incluindo a construção de novas pontes, ampliação de ruas, a substituição de fortificações por sistemas de parques. Sua grande *croisée* para Paris foi uma grande influência para Agache e Le Corbusier. Hénard enfatizou a circulação e transporte, que foram, de acordo com ele, os aspectos mais desafiadores das cidades modernas:

A prosperidade de uma cidade é resultado do esforço de seus habitantes em todos os ramos da atividade humana. A facilidade de trocas materiais e intelectuais é uma necessidade urgente. O estabelecimento de um sistema racional de circulação é um dos aspectos mais importantes do bem-estar público (Hénard, 1903-1906 [1982], p.179).

Comparando Moscou, Londres e Berlim, ele concluiu que Paris necessitava de ruas radiais. (fig.5). Assim, propôs um esquema de melhorias de tráfego para Paris por meio do estabelecimento dos *perimètres de rayonnement*, um sistema de artérias radiais para satisfazer diferentes padrões de circulação⁹ (Hénard, 1903-1906 [1982]), p.180-184).

O esquema teórico de Hénard estava na base da concepção do plano de Agache para o Rio. Diante de sua difícil topografia, o futuro do Rio dependeria de um bom esquema de circulação que facilitasse a comunicação entre os diferentes bairros. Assim, Agache propôs um sistema radial-perimetral de vias expressas, rótulas e cruzamentos de modo a tornar a cidade mais fluida. O Rio de Janeiro deveria ser o ponto nodal de uma rede nacional de comunicação (incluindo rodovias, ferrovias e sistemas telefônicos) (Agache, 1930, p.120).

Hénard entendeu a limitação de intervenções pontuais para melhorar o tráfego e que não consideravam o tecido existente da cidade. Apesar da rigidez sugerida por seus diagramas, ele criticava os modelos abstratos e geométricos e procurou para conciliar seus esquemas com a textura urbana de Paris.

Foram eles baseados na tradição histórica, na observação metódica dos fatos, sobre a necessidade de circulação, na comparação de planos de cidades do exterior, sobre as belezas existentes? ¹⁰

⁹ Referindo-se à sua *Nouvelle Croisée*, Hénard afirmou que “leur fonction et leur utilité est de s’élancer au delà de l’enceinte vers la province et de faciliter l’échange des produits et des forces vives du pays” (Hénard, 1982, p. 168). Ver também p. 161-174.

¹⁰ “Serait il de beaucoup supérieur à celui que nous avons dressé en nous appuyant sur la tradition historique, sur l’observation méthodique des faits, sur le nécessité de la circulation, sur la comparaison des plans des villes étrangères, sur le beauté acquises?” (Hénard, 1982, p. 171). Hénard também comparou o plano urbanístico a um elemento natural. Da mesma forma que uma árvore se adapta às condições e aos acidentes naturais (pedras, ventos), sem perder sua majestade e beleza, um plano urbanístico ideal deve ser capaz de ser modificado em muitos detalhes, mantendo suas linhas gerais.

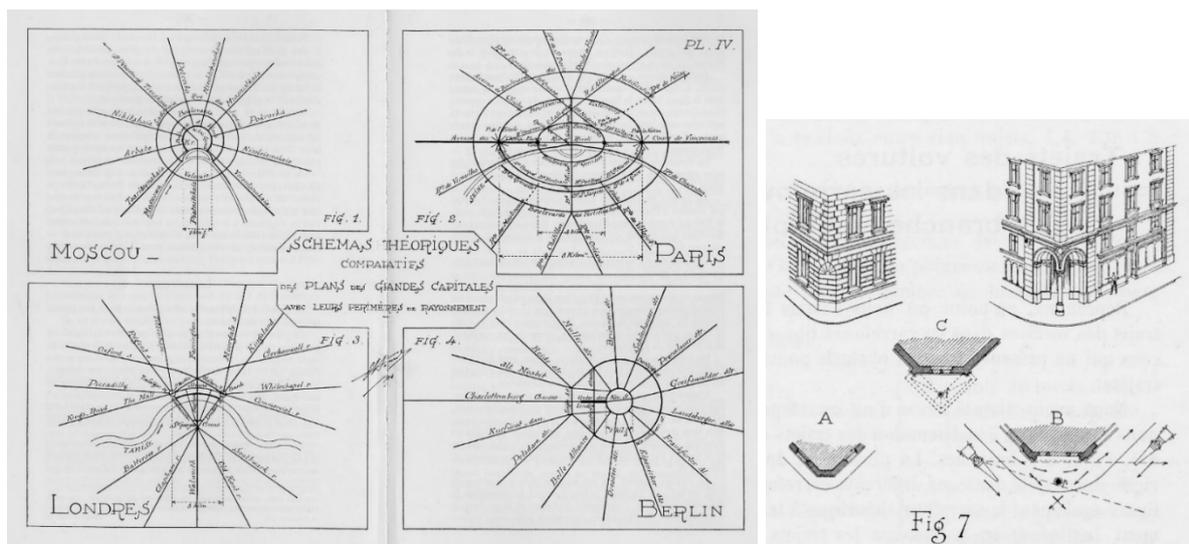


Figura 5 – Hénard, Esquemas teóricos de circulação de grandes metrópoles e seus perímetros de irradiação Fonte: Hénard (1903-1906 [1982], p.204-205).

Figura 6 – Hénard, “Dispositif Angulaire” Fonte: Hénard 1903-1906 [1982], p.263

Hénard estudou detalhadamente a forma como as regras de trânsito e circulação poderiam ser conciliadas com o tecido concreto da cidade. Depois de analisar o movimento, cruzamentos e as chances de colisão de diferentes tipos de veículos, ele estabeleceu a corte de canto (*dispositif angulaire*) e arcadas, a fim de melhorar a visibilidade do tráfego (fig.6). A fim de promover um fluxo contínuo de tráfego, ele criou *carrefour* com vias superpostas e rotundas (*carrefour à giration*). Rotundas e perímetros de irradiação foram as principais contribuições de Hénard para o urbanismo francês e internacional (fig.7). Esta solução virou parte de um vocabulário comum para o urbanismo da SFU e foi também adotada por Agache no seu plano para o Bairro do Castello no Rio. Hénard foi um pioneiro ao teorizar a introdução de tráfego nas cidades dentro de um quadro mais amplo e de procurar manter a rua como essência fundamental da vida urbana

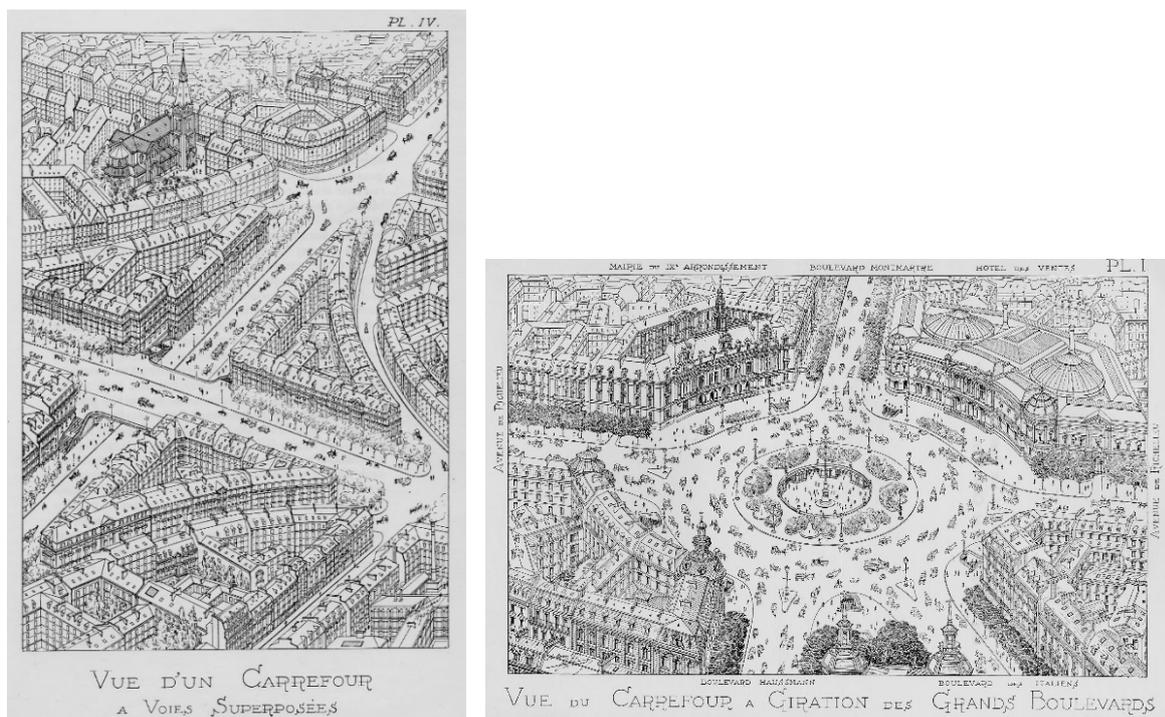


Figura 7 – Eugene Hénard. “Carrefour a voies superposées” . “Carrefour a giration” Fonte: Hénard 1903-1906 [1982], p.279pl I, p.236

Tony Garnier foi um dos expoentes desta geração formada na *École*, mas escapou ao anonimato graças a reconhecimento por parte de Le Corbusier, seu projeto para a *Cité Industrielle*, projeto elaborado me 1904 e publicado apenas em 1917. Apesar de quase contemporâneo de Agache, acreditamos que a obra de Garnier foi importante para ele pela mediação entre o legado clássico e as novas demandas da vida moderna que permeia cada detalhe da *Cité*.

Garnier procurou reconciliar a serenidade atemporal da arquitetura clássica com as forças técnicas da industrialização. Enquanto um certo número de conceitos da *Cité Industrielle* encontrou lugar na base do urbanismo modernista, muitos elementos do passado ainda persistem nesse projeto (Garnier, [1918], 1989; Banham, 1967, p.35-38; Frampton, 1980, p.100-104; Choay, 1983, p. 243-244). A primeira impressão de irregularidade do plano não resiste a uma análise mais cuidadosa, que revela a clara e funcional articulação das partes por meio de um eixo central (fig.8). As avenidas retas e arborizadas que cortam simetricamente o setor residencial provam seu débito para com a tradição clássica da *Beaux-Arts*. A notável simplicidade e nudez dos edificios têm um papel importante na articulação dos espaços públicos, atestando a persistência da noção de *decorum* na dimensão pública da cidade. Teatros, assembleias, escolas competem de igual para igual com fábricas, hidrelétricas e usinas. De fato, Garnier raramente menciona a palavra indústria, a *Cité* não era uma cidade apenas uma cidade industrial, mas um experimento urbano para um regime de bem-estar social. Apesar de ter proposto a *Cité* como um modelo

em um local imaginário, Garnier foi sensível ao sítio e estava preocupado com problemas reais das cidades (Frampton, 1980, p. 102, Banham, 1967, p.36).

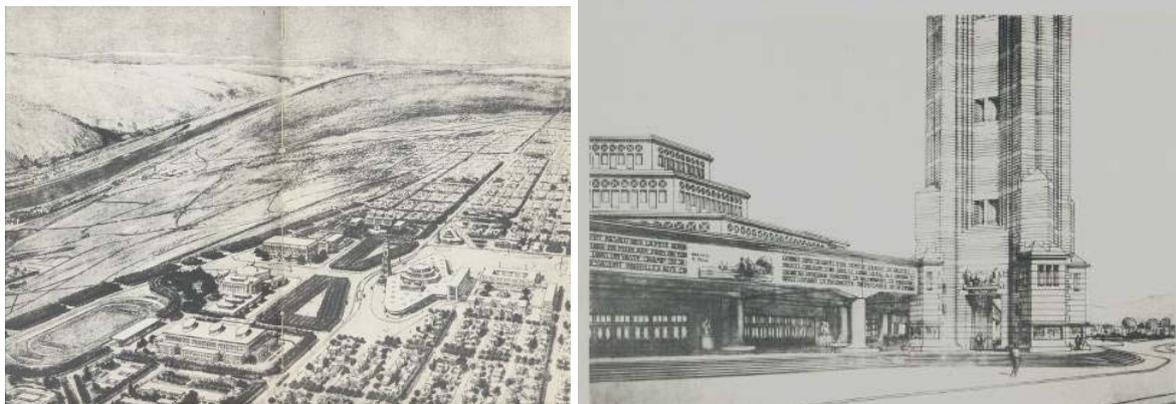


Figura 8 –Tony Garnier, *La Cité Industrielle*, vista geral e assembleia. Fonte: Wiebenson, 1969, p. 40-41, 44

Garnier e Agache possuem muitas semelhanças e ilustram os dilemas e desafios impostos pela vida moderna a essa geração. Eles tinham em comum a crença de que existiria uma arquitetura perene que deveria ser adaptada a diferentes momentos e circunstâncias, e que o arquiteto seria capaz de enfrentar o problema da cidade moderna. Eles tinham como tarefa reconciliar o sistema *Beaux-Arts* com a cidade moderna. Uma análise de outros projetos menos conhecidos de Garnier, como seu projeto para Marselha (fig.9), de 1913, revela muitas similaridades com os planos de Agache, como o uso de blocos de edifícios, edifícios que ocupam o limite do lote e com pátios internos, andares recuados nos últimos andares (Delorme, 1981, p.20-22).

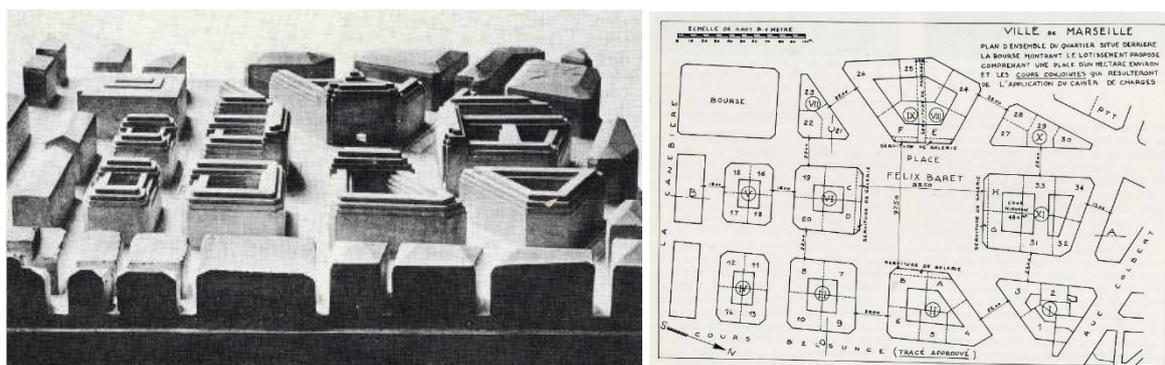


Figura 9 –Tony Garnier, Plano para Marselha (1913), Maquete e planta. Fonte: Delorme, 1981, p.22

Agache era definitivamente um arquiteto *Beaux-Arts* e isso estava presente em seu método de pensar e projetar cidades. Sua visão de uma cidade moderna estava profundamente enraizada na tradição tratadística. Agache associava o funcionamento e a beleza de uma cidade com aqueles do corpo humano. Para ele, uma boa cidade seria “um organismo, como o organismo humano, no qual a circulação (vias), a digestão (sistema sanitário), a

respiração (espaços abertos) eram convenientemente dispostos ...” (1935, p.5) Agache empregava a noção albertiana de que a beleza é o resultado da harmonia entre as partes (Alberti, [1452], 1988, p.56). Se a beleza da cidade reside nas proporções harmônicas de suas partes, o papel do urbanista, tanto para Agache como para Alberti, seria o de orquestrar os elementos da cidade em um todo coerente: “a tarefa do urbanista é interpretar os dados científicos e técnicos e traduzi-los em um harmônico e belo conjunto de formas” (Agache, 1930, p.8). Para Agache, ao intervir em uma cidade, o urbanista deve identificar seus elementos básicos, alocá-los na estrutura urbana, estabelecendo uma relação adequada entre eles e suas funções. Concebendo a cidade como um problema arquitetônico, Agache acreditava que ela deveria ser harmônica, não apenas no plano, mas, sobretudo, em termos plásticos e volumétricos.

A rotulação do trabalho dessa geração de “urbanistas *Beaux-Arts*” tem obscurecido a real complexidade desse período. Posteriormente mencionado por Le Corbusier e Giedion, Garnier tornou-se o único nome lembrado dessa geração que permaneceu desconhecida porque não desafiou abertamente os dogmas da *École*. Agache e seus colegas, entretanto, perceberam que a abordagem da *Beaux-Arts* não responderia à crescente complexidade das cidades no final do século XIX.

* * *

3 AGACHE E AS REFERÊNCIAS INTERNACIONAIS

O surgimento de urbanismo na Europa e Estados Unidos é um dos melhores exemplos da transferência e difusão de ideias. As duas primeiras décadas do século XX, apesar das tensões que levaram à Primeira Guerra Mundial, foi um período de intensa internacionalização e intercâmbio, com a realização de conferências, reuniões, exposições e publicações nas quais os primeiros urbanistas compartilharam suas ideias. Agache também participou destes encontros e foi influenciado por outros urbanistas e pensadores fora da França, particularmente Sitte, Geddes e Unwin.

Outra influência importante no trabalho de Agache foi **Patrick Geddes**.¹¹ Geddes e Agache tiveram raízes do pensamento social francês do final dos anos 1870, em particular as ciências emergentes da sociologia e geografia. Geddes estendeu as teorias de Auguste Comte, Frédéric Le Play e Elisée Reclus ao estudo dos assentamentos humanos, adotando

¹¹ A formação científica Patrick Geddes definiu a sua abordagem para as cidades. Ao estudar biologia com Thomas Huxley durante a década de 1870, Geddes foi influenciado por suas investigações sobre a geografia dos vales, com sua infinita variedade de formas orgânicas, plantas e animais, e sua interdependência. Assim, Geddes percebeu que seria possível adicionar o componente humana nesta análise. Philip Boardman, *Patrick Geddes: Maker of the Future* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1944), 26.

uma perspectiva unificada para compreender o desenvolvimento urbano no seu contexto.¹² Considerando o crescimento da cidade como orgânico, Geddes desenvolveu uma abordagem extremamente cuidadosa do território, incluindo o estudo das condições naturais e ocupação humana.¹³ Antes de fazer um plano, ele defendeu uma profunda compreensão da cidade por meio de pesquisas, que deve estudar o passado da cidade e sua evolução, vendo-a como um todo.

Agache conheceu Patrick Geddes, no verão de 1901 em Edimburgo, com o qual desenvolveu uma frutífera amizade. Em 1912, usando o mesmo método comparativo de Geddes, Agache apresentou uma exposição sobre a história das cidades, a qual foi utilizada como complemento da *Town Planning Exhibition* de Geddes durante a conferência de Gent de 1913.¹⁴ Para ambos, a cidade era um organismo vivo cujas funções vitais devem ser preservadas. Como Geddes, Agache também acreditava que o ambiente construído deveria ser considerado em relação com o *antropo-geografia* do lugar. Agache também defendeu um método rigoroso de observação para encontrar os padrões de evolução em uma cidade, os princípios imanentes que governam sua evolução. Os aspectos topográficos, econômicos e sociais dos distritos e bairros deveriam ser estudados na sua relação com a evolução urbana. Para ambos, qualquer estudo urbano deveria começar com a análise monográfica da cidade. Este estudo cuidadoso da criação, evolução, organização e funcionamento das cidades, e comparação entre estas, ajudaria o urbanista a pensar o futuro da cidade. Agache é tributário da visão de Geddes de uma cidade orgânica e o extenso levantamento que ele fez no Rio apontou essa influência.

Ao contrário de Geddes, Agache, no entanto, estava preocupado com a criação de uma nova ordem fora deste caos aparente. Recusando-se a criar planos geométricos e abstratos, Geddes acreditava que o verdadeiro objetivo do planejamento da cidade era permitir que a cidade se desenvolvesse organicamente, ao mesmo tempo que seu crescimento era controlado.¹⁵ A cidade deveria crescer para um ideal e o caminho para tal já existira na cidade. O objetivo do urbanista era ajudar os cidadãos para identificar e atingir essas metas.¹⁶ Consequentemente, Geddes não acreditava na cidade como uma obra de arte e se concentrou na melhoria das cidades existentes, não em sua transformação radical. Em contraste com Geddes, Agache, como pode ser visto nos seus planos, acreditava que a

¹² Goist, Park Dixon. "Patrick Geddes and the City" *American Institute of Planners Journal* 40, n.1 (January, 1974), 32. Geddes convidou Desmolins para o Summer Meeting de 1892

¹³ Geddes inicia sua obra principal, *Cities in Evolution*, afirmando que sua missão era "entrar no espírito de nossas cidades, a sua essência histórica e sua vida" Patrick Geddes, *Cities in Evolution* (London: Williams & Norgate, 1915), 4.

¹⁴ Bruant, "Une architecte à l'école", 110. Agache organizou a exposição de Geddes em Gent e trabalhou em uma tradução para o francês de *Cities in Evolution* que não conseguiu concluir..

¹⁵ According to Geddes, the city should not grow as "expanding ink stains and grease-spots". Geddes, *Cities in Evolution*, 86.

¹⁶ *Ibid.*, 304-305.

cidade poderia ser a expressão das ideias artísticas de uma única pessoa. Assim, a adoção de ideias de Geddes por Agache foi muito seletiva, concentrando-se nos métodos de abordar a estudar e cidades.¹⁷

O austríaco **Camilo Sitte** também desempenhou um papel importante no surgimento de urbanismo francês. Questionando o fato de que as praças das cidades medievais e renascentistas eram muito mais atraentes do que as modernas, Sitte procurou investigar como as gerações precedentes conseguiram atingir tal beleza no tecido da cidade. Em *Der Städtebau*, ele identificou os princípios subjacentes para tal e procurou defender a sua aplicação no mundo contemporâneo, a fim de restaurar a urbanidade e beleza em cidades modernas. Interessado no efeito que o conjunto construído teria sobre os moradores da cidade, Sitte entendeu os centros urbanos como arranjos de formas, efeitos arquitetônicos, ritmos e composições, como forma de criar um ambiente urbano psicologicamente adequado ao homem. A premissa principal de Sitte foi que o planejamento da cidade era uma arte que era capaz de emocionar um homem minimamente sensível às artes. Os volumes das edificações, a relação entre estes, a relação entre cheios e vazios, a textura das fachadas, os efeitos de sombra e luz, a sensação de proteção, enfim, a experimentação do espaço de uma praça poderiam ser recuperados como elementos essenciais do desenho urbano. Tais premissas também foram seguidas por Agache, como pode ser visto quando descreve os efeitos que pretendia provocar nos cidadãos por meio de massas arquitetônicas de seus grandes conjuntos projetados para o Rio, a *Entrada do Brasil* e a *Praça do Castello*.

O grande mérito de Sitte foi o de recuperar a dimensão arquitetônica da cidade.

Particularmente preocupado com a qualidade de vida urbana, ele defendeu a criação de espaços abertos salas de visita da cidade, limitadas por arcadas. Agache tentou conciliar esta aproximação com as modernas exigências de tráfego e infraestrutura. Em suma, Sitte e Agache procuraram conferir unidade e coerência à cidade moderna, embora a escala e os propósitos fossem diferentes.

É importante notar que Agache teve acesso a Sitte provavelmente através de uma tradução para o francês publicada por Camille Martin de 1902, que enfatizou os aspectos pitorescos e medievalistas de Sitte. Ao preocupar-se com as ruas, praças e a textura das cidades antigas, Sitte não estava propriamente celebrando a era medieval, nem procurando "estética" no sentido de tornar as cidades mais agradável aos olhos, como se tornou comumente entendido na França. Este sentimentalismo presente na tradução de Martin

¹⁷ A influência Geddes é um interessante exemplo de uma adoção seletiva de ideias. Algumas de suas sugestões práticas, como a amplitude da pesquisa, foram amplamente adotadas e tornaram-se um instrumento comum para o planejamento de todo o mundo, mas as suas principais ideias foram praticamente esquecidas.

certamente não interessou a Agache, que recusou o medievalismo e reassumiu seu compromisso com a vida moderna.

Embora Agache tenha advogado pelas Cidades-Jardins, particularmente pelo crescimento equilibrado e pelas intenções socialistas, ele não estava interessado nas ideias de Howard em si como forma de escapar aos inconvenientes de uma grande cidade, mas em sua aplicação dentro de partes de uma grande cidade. Ao contrário da tradição anglo-saxônica, Agache tinha uma forte crença na vida urbana e no seu significado para a civilização humana.¹⁸ O caráter das áreas suburbanas que ele propôs era muito diferente daquele defendido por Howard ou a partir da experiência suburbana americana. Recusando os diagramas de Howard, Agache enfrentou a cidade real e, por isso, o trabalho de **Raymond Unwin** parece ter sido muito mais interessante para ele.

Por muito tempo negligenciada, a figura de Raymond Unwin, foi de importância fundamental para o urbanismo moderno, pois ele forneceu ao modelo teórico das cidades-jardim uma expressão arquitetônica e urbanística. Ele também traduziu as ideias defendidas por uma geração de arquitetos e designers britânicos, como Voysey e Baillie-Scott, em formas urbanas, estabelecendo os vínculos entre os princípios de *Arts & Crafts* e os da Cidade Jardim.¹⁹ O seu trabalho principal, *Town Planning in Practice* de 1909, foi o desenvolvimento lógico de essas ideias, incorporando influências de Sitte e dos urbanistas alemães em um corpo de conhecimentos mais amplo e estruturado. No primeiro capítulo, intitulado "da arte cívica como a expressão da vida cívica", ele afirmou que o principal problema das cidades não foi a falta de construção ou códigos sanitários, mas a "a falta de beleza, de comodidades, mais que qualquer outra coisa" (Unwin, 1911, p.4). Para Unwin, urbanismo era um meio de alcançar a beleza da cidade, ao mesmo tempo em que se devia satisfazer seus requisitos funcionais.

Unwin ofereceu um manual de design urbano, estabelecendo princípios para alcançar a beleza em espaços urbanos, tais como a boa sensação de aconchego oferecida pelas praças centrais e o charme das ruas curvas. A disposição da circulação foi concebida de acordo com o tráfego, estabelecendo uma hierarquia desde as vielas estreitas e caminhos de pedestres até às principais vias. Unwin destacou a importância de surpresa e variação ao espectador, e mostrou como alcançá-los com o agrupamento de edifícios, *cul-de-sac*, mudanças de direção, vistas, cruzamentos, gateways e plantio de árvores. A preservação

¹⁸ "Nunca na humanidade, tivemos tantas bibliotecas, escolas, teatros e museus concentrados nas cidades" (Agache, 1930, p.123)..

¹⁹ Raymond Unwin (1863-1940), também veio da tradição *Arts & Crafts*, mas associada a um forte compromisso com ideais cristãos e socialistas. Textos como *Arts & Socialism* de Morris ajudaram-no a considerar "lazer" e "decência do entorno", como parte de uma boa vida, que foram incorporadas como casas ordenadas, limpas e saudáveis (Creese, 1967, Miller 1981).

das paisagens naturais, embelezamento de espaços abertos, e abertura de vistas para elementos naturais também receberam atenção especial. Unwin estava traduzindo elementos de Camilo Sitte para um quadro mais amplo, incluindo as grandes áreas suburbanas e ainda não-urbanizadas. Para ele, mesmo nos subúrbios, os edifícios devem formar uma imagem da cidade. A rótulo de arquiteto de Cidades Jardins dado à Unwin deslocou a atenção longe do carácter inovador do seu trabalho como urbanista. Suas ideias sobre o projeto de áreas suburbanas influenciou o tratamento que Agache destinou às áreas residenciais, particularmente em seus planos para Dunquerque e Rio de Janeiro. Como Unwin, Agache preferiu formas mais flexíveis adaptando-se aos acidentes topográficos no lugar de desenvolvimentos em xadrez que desrespeitassem o terreno natural, como na sua via-parque proposta para o Rio. O urbanismo francês também foi influenciado pela *City Beautiful Movement* norte-americano do início do século XX, um tema que merece ser explorado em outra oportunidade.

4 CONCLUSÕES

Agache retirou elementos de diferentes tradições, a fim de criar sua própria teoria urbanística. Ele era um arquiteto da *Beaux-Arts* e isto está presente em seu método de projetar cidades. Sua visão da cidade moderna estava profundamente enraizada na tradição arquetônica. Para ele, ao de defrontar com um plano de cidade, o urbanista deve identificar os elementos básicos desta cidade, alocá-los na estrutura urbana, estabelecendo uma relação adequada entre eles e as suas funções. Agache viu a cidade como um problema de arquitetura. Cada cidade tem uma fisionomia que deve ser harmônica, não só no plano, mas sobretudo em termos plásticos e volumétricos.

Agache procura se equipar para melhor lidar com a complexidade da cidade moderna. Para tal, buscou elementos da nascente sociologia. Para ele, a cidade reflete uma ordem social: "a aglomeração urbana é, sem dúvida, uma manifestação no plano, fachadas e volumes de atividades humanas. Neste sentido, o urbanismo é uma aplicação da sociologia" (Agache, 1935, p.16). Acreditava que o papel do urbanista não era apenas resolver os problemas urbanos, mas aliviar tensões sociais e amenizar o caos produzido pela sociedade moderna. A cidade deveria ser estável e harmoniosa de modo a trazer o progresso e conforto para o indivíduo. O aspecto plástico e arquetônico da cidade também deve inculcar e condensar valores sociais. Para Agache, o urbanismo é técnica que fornece um sentido social para a cidade.

A construção da disciplina urbanismo envolveu uma complexa rede de transferência de ideias durante a última década do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Agache

buscou elementos em diferentes ideias dos primeiros urbanistas: os estudos sobre a evolução urbana de Marcel Poète, a preocupação com as redes viárias de Eugène Hénard, na mediação entre a heranças clássicas e as demandas modernas de Tony Garnier, a forma de abordar as cidades e sua inserção no território proposta por Patrick Geddes, as preocupações com a beleza, a dimensão arquitetônica da cidade e o bem estar psíquico dos pedestres de Camilo Sitte, o tratamento de áreas suburbanas e residenciais Raymond Unwin, os grandes conjuntos monumentais do movimento norte-americano City Beautiful. Agache seletivamente se apropriou de ideias de outros planejadores urbanos em uma combinação singular.

Agache trouxe ao Brasil, em 1928, uma forma de pensar, abordar e planejar cidades. O Rio de Janeiro, mais do que qualquer outra cidade, tornar-se-ia um campo primordial de experimentação para ele. O plano do Rio foi um marco não apenas para o urbanismo brasileiro, mas também um dos melhores exemplos da irradiação do urbanismo da SFU.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agache, Donat Alfred, Auburtin, Jacques Marcel, Redont, Edouard. *Comment reconstruire nos cités détruites; notions d'urbanisme s'appliquant aux villes, bourgs et villages*. Paris, A. Colin, 1916.

Agache, Donat Alfred. *Cidade do Rio de Janeiro: remodelação, extensão e embelezamento*. Paris: Foyer Brésilien, 1930.

_____. *Nos agglomérations rurales: comment les aménager: étude monographique, analytique, d'un concours de plans de bourgs et villages*. Paris: Librairie de la construction moderne, 1918.

_____. "La 'housing question' à Londres." In *La Science Sociale* XXXIII (avril, 1902): 359-368. (juin, 1902): 530-542; XXXV, (mars, 1903): 220-231; XXXVI (septembre, 1903): 237-256.

_____. "La grande ville, la ville future." *Documents du progress* (juillet, 1914): 157-165.

_____. "Les grands villes et leur avenir". In *Rapport Général/Conferences. Exposition de la Cité Reconstituée-Esthétique et Hygiene*, 25 Mai 15 Août, 1916, ed. L. Gaultier. Paris: Association Général de Hygiénistes et Techniciens Municipaux, 1917.

_____. "Comment fait une plan de ville, les étapes d'une étude urbaniste conçue suivant l'esprit et la letter de la loi de 14 mars 1919." In *Congrès Internationaux d'Urbanisme et d'Hygiene Municipal*. Strasbourg, 1923. (esprit/lettre)

_____. "Une exemple de sociologie appliquée: L'Urbanisme." *Les Études Sociales* 1935 n.1 (Avril, 1935): 3-21.

Alberti, Leon Battista. *On the Art of Building on Ten Books* (1452) translated by Joseph Rykwert, Neil Leach and Robert Tavenor. Cambridge: The MIT Press, 1988.

Albuquerque Filho, Luiz Rodolpho "A obra do urbanista Agache: sua atuação no Brasil." *Revista do Club de Engenharia*, 276 (Ago, 1959): 37-59.

Banham, Reyner. *Theory and Design in the First Machine Age*, 2d ed. New York: Praeger, 1967.

Bardet, Gaston. *Nouvel Urbanisme*. Paris: Vincet Fréal, 1948.

Beaudoin, Eugene. "Société Française des Urbanistes Cinquante ans d'urbanisme." *Urbanisme* 31, n.77 (octobre-décembre, 1962): 19-20.

Bruant, Catherine. "Donat Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada." In *Cidade, povo, nação: gênese do urbanismo moderno*, ed. Luiz Cesar Ribeiro and Robert Pechman, 167-202. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994a.

_____. "Un architecte à l'école d'énergie: Donat Alfred Agache, du voyage à l'engagement colonial." *Revue du Monde Musulman et de la Méditerranée*, n.73-74 (1994b): 99-115.

_____. "Donat-Alfred Agache: l'architecte et le sociologue." *Les Études Sociales* 122 (1994c): 23-65.

_____. "Donat Alfred Agache (1875-1959): L'Urbanisme: une philosophie sociale" *L'Urbanisme* 321, (Nov-Dec , 2001): 77-83.

Donatella Calabi. *Marcel Poete et le Paris des Annees vingt: aux Origines de l'histoire des villes*. Paris: L'Harmattan, 1998.

Choay, Françoise. "Pensées sur la ville, arts de la ville." In *Histoire de la France Urbaine 4. La ville de l'âge industriel: le cycle haussmannien*, ed. Georges Duby. Paris: Editions du Seuil, 1983.

Claude, Viviane. Le chef d'orchestre, un cliché de l'entre-deux guerres. *Annales de la Recherche Urbaine*, n.44-45, 1989: 69-80

Creese, Walter. *The Legacy of Raymond Unwin: A Human Pattern for Planning* (Cambridge: The MIT Press, 1967.

Delorme, Jean Claude. "Des plans d'aménagement et d'extension des villes françaises." *Cahiers de la Recherche Architecturale* VIII (1981): 10-29.

Drexler, Arthur, ed. *The Architecture of the École des Beaux-Arts*. New York: MoMA, 1977.

Egbert, Donald Drew. *The Beaux-Arts Tradition in French Architecture, illustrated by the Grand Prix de Rome*. New York: Princeton Architectural Press, 1980.

Elwitt, Sanford. "Social reform and social order in late nineteenth century France: The Musée Social and its friends." *French Historical Studies* n.11 (1980): 431-451.

Frampton, Kenneth. *Modern Architecture: A Critical History*. London: Thames and Hudson, 1980.

Garnier, Tony. *Une cité industrielle. Étude pour la construction des villes*. Paris: A Vincent, 1918, Reprint, New York: Princeton Architectural Press, 1989.

Gaudin, Jean Pierre. *L'Avenir en plan: Technique et politique dans la prévision urbaine 1900/1930*. Paris: Camp Valon, 1985.

Geddes, Patrick. *Cities in Evolution: An Introduction to the Planning Movement and to the Study of Civic Art (1915)*. New York: H Fertig, 1968.

Hénard, Eugene. *Le Transformations de Paris (8 fascicules)* (Paris: Librairies-Imprimeries Reunies, 1903-1906) (Reprint, Paris: L'Equerre, 1982

Horne, Janet. *A social laboratory for Modern France. The Musée Social and the rise of the Welfare State*. Durham/London: Duke University Press, 2002.

Langlade, Émile. *Donat-Alfred Agache: architecte, urbaniste, sociologue, Extrait des artistes de mon temps* Paris, 1935.

Lobo, Margarida. *Planos de urbanização à época de Duarte Pacheco*. Lisboa: FAUP, 1998.

Middleton, Robin, ed. *The Beaux-Arts and Nineteenth Century French Architecture*. Cambridge: The MIT Press, 1982.

Miller, Mervyn. "Raymond Unwin" in *Pioneers in British Planning*, ed. Gordon Cherry. London: Architectural Press, 1981.

Moreira, Fernando Diniz *Shaping Cities, Building a Nation: Alfred Agache and the Dream of Modern Urbanism in Brazil, 1920-1950*. Ph.D. Diss., Philadelphia: University of Pennsylvania, 2004.

Moreira, Fernando Diniz. Alfred Agache, um arquiteto *Beaux-Arts* na metrópole moderna. In *Designio 7/8*, set 2007.

Pinon, Pierre, Amprimoz, François. *Les envois de Rome (1778-1968): Architecture et archéologie*. Rome: École Française de Rome, 1988.

Pinon, Pierre. "Gli 'envois de Rome': tradizioni i crisi." *Rassegna*, 17, VI (1984): 17-21.

Rabinow, Paul. *French Modern: Norms and Forms of the Social Environment*. Cambridge: The MIT Press, 1989.

Rotival, Maurice. Hommage à Eugène Hénard, urbaniste de Paris, 1900-1909. *L'Architecture D'Aujourd'hui* (February-March, 1960): 131-133

Sitte, Camilo. *City Planning According to Artistic Principles*. New York: Random House, 1965.

Sutcliffe, Anthony. *Towards the Planned City: Britain, Germany, The United States and France, 1780-1914*. Oxford: Blackwell, 1981.

Tougeron, Jean Christophe. "Donat-Alfred Agache, un architecte urbaniste: un artiste, un scientifique, un philosophe." *Cahiers de la Recherche Architecturale* VIII, (1981): 31-48.

Underwood, David. "Alfred Agache, French Sociology, and Modern Urbanism in France and Brazil." *Journal of the Society of Architectural Historians*, 50, n2, (June, 1991): 130-166.

Unwin, Raymond, Parker, Barry. *The Art of Building a Home* (London: Longmans, Green & Co, 1901.

Unwin, Raymond., *Town Planning in Practice: An Introduction to the Art of Designing Cities and Suburbs*, 2d ed. (London: T. Fischer Unwin, 1911), 4.

Wiebenson, Dora. *Tony Garnier: The Cité Industrielle*. New York: George Braziller, 1969.

Wolf, Peter. *Eugène Hénard and the Beginning of Urbanism in Paris. 1900-1914*. Haya: IFHP, 1968.

Wright, Gwendolyn. *The Politics of Design in French Colonial Urbanism*. Chicago: University of Chicago Press, 1991